

# LOGOS

COMUNICAÇÃO E UNIVERSIDADE

Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UERJ  
PPGCom



## Rádio nas bordas:

Cartografias da radiodifusão comunitária, livre e alternativa

# LOGOS

Vol.24. Nº01. 2017

# 46

Rádio nas bordas –  
Cartografias da radiodifusão  
comunitária, livre e alternativa.

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
UERJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/Rede Sirius/PROTAT

**L832**     ***Logos: Comunicação & Universidade - Vol. 1, N° 1 (1990)***  
- . - Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Comunicação Social,  
1990 -

**Semestral**

E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933

**1. Comunicação - Periódicos. 2. Teoria da informação  
-Periódicos. 3. Comunicação e cultura - Periódicos.  
4. Sociologia - Periódicos. I. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.**

CDU 007

# **UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

## **REITOR**

Ruy Garcia Marques

## **VICE-REITORA**

Maria Georgina Muniz Washington

## **SUB-REITORA DE GRADUAÇÃO**

Tania Maria de Castro Carvalho Netto

## **SUB-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Egberto Gaspar de Moura

## **SUB-REITORA DE EXTENSÃO E CULTURA**

Elaine Ferreira Torres

## **DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES**

Lincoln Tavares Silva

## **FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

### **DIRETOR**

João Pedro Dias Vieira

### **VICE-DIRETOR**

Márcio Gonçalves

# LOGOS - EDIÇÃO Nº 46 - VOL 24, Nº01, 2017

**Logos: Rádio nas bordas – Cartografias da radiodifusão comunitária, livre e alternativa** (E-ISSN 1982-2391 | ISSN 0104-9933)

é uma publicação acadêmica semestral da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e de seu Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGC) que reúne artigos inéditos de pesquisadores nacionais e internacionais, enfocando o universo interdisciplinar da comunicação em suas múltiplas formas, objetos, teorias e metodologias. A revista destaca a cada número uma temática central, foco dos artigos principais, mas também abre espaço para trabalhos de pesquisa dos campos das ciências humanas e sociais considerados relevantes pelos Conselhos Editorial e Científico. Os artigos recebidos são avaliados por membros dos conselhos e selecionados para publicação. Pequenos ajustes podem ser feitos durante o processo de edição e revisão dos textos aceitos. Maiores modificações serão solicitadas aos autores. Não serão aceitos artigos fora do formato e tamanho indicados nas orientações editoriais e que não venham acompanhados pelos resumos em português, inglês e espanhol.

## EDITORES

Márcio Gonçalves, Patricia Rebello e Sonia Virgínia Moreira.

## EDITORES CONVIDADOS

Marcelo Kischinhevsky e Sonia Virgínia Moreira.

## PARECERISTAS DESTE NÚMERO

Adriana Gomes Ribeiro, Ana Baumworcel, Andrea Pinheiro, Claudia Quadros, Debora Cristina Lopez, Diego Weigelt, Eduardo Meditsch, Flávia Bepalhok, Graziela Bianchi, Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna, Helena Iracy Santos Neto, Izani Mustafá, José Eugenio Menezes de Oliveira, Juliano Mauricio de Carvalho, Lena Benzecry, Leonardo De Marchi, Luciano Klöckner, Luiz Artur Ferraretto, Marcelo Freire, Mauro Sá Rego Costa, Michele Cruz Vieira, Mirna Tonus e Paulo Fernando Lopes.

## CONSELHOS EDITORIAL E CIENTÍFICO

Alessandra Aldé (UERJ)  
Danielle Rocha Pitta (UFPE)  
Denise da Costa Oliveira Siqueira (UERJ)  
Fátima Quintas (Fundação Gilberto Freyre)  
Henri Pierre Jeudi (CNRS-França)  
Ismar de Oliveira Soares (USP)  
Luis Custódio da Silva (UFPB)  
Luiz Felipe Baêta Neves (UERJ)  
Márcio Gonçalves (UERJ)  
Michel Maffesoli (Paris-Descartes/Sorbonne)  
Nelly de Camargo (USP)  
Nízia Villaça (UFRJ)  
Patrick Tacussel (Université de Montpellier)  
Patrick Wattier (Université de Strassbourg)  
Paulo Pinheiro (UniRio)  
Ricardo Ferreira Freitas (UERJ)  
Robert Shields (Carleton University/Canadá)  
Ronaldo Helal (UERJ)

## **ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA**

Revista Logos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Comunicação Social

Programa de Pós-graduação em Comunicação

Rua São Francisco Xavier, 524/10º andar, sala 10.129, Bloco F

Maracanã

20550-013 – Rio de Janeiro, RJ – Brasil

Tel: (21) 2334-0757

E-mail: logos@uerj.br

Website: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos>

## **PROJETO GRÁFICO**

Marcos Maurity e Samara Maia Mattos

## **DIAGRAMAÇÃO E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA**

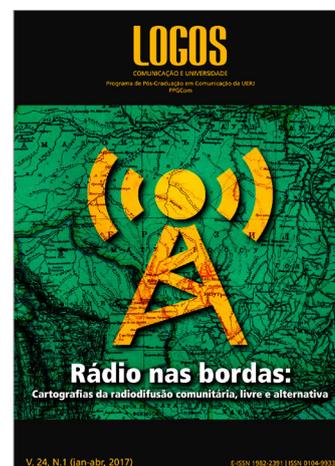
Willian Gomes

## **CAPA**

Willian Gomes

## **REVISÃO DESTE NÚMERO**

Marcelo Kischinhevsky e Sonia Virgínia Moreira.



# Sumário

- 3** O rádio que respira e floresce nas bordas das indústrias midiáticas  
**Marcelo Kischinhevsky e Sonia Virgínia Moreira**
- 8** Dossiê - “Rádio nas bordas – Cartografias da radiodifusão comunitária, livre e alternativa”  
*Por uma genealogia das rádios comunitárias brasileiras I*  
**João Paulo Malerba**
- 23** *Sustentabilidade na radiodifusão comunitária: desafios e possibilidades*  
**Adilson Vaz Cabral Filho**
- 37** *Regresión. Las nuevas políticas para medios comunitarios en Argentina*  
**Verónica Longo, María Soledad Segura, Emilia Villagra, Ana Laura Hidalgo, Natalia Traversaro, Alejandro Linares, Larisa Kejval e Natalia Vinelli**
- 52** *Rádios de resistência: o verbal e o não-verbal na contra-hegemonia*  
**João Baptista de Abreu e Marcus Aurélio de Carvalho**
- 66** *Rádios comunitárias nas revistas latino-americanas de Comunicação (2010-2015)*  
**Doris Fagundes Haussen**
- 78** *Mapeamento de Rádios Comunitárias na Amazônia como ferramenta ao Desenvolvimento Sustentável*  
**Rosane Albino Steinbrenner**
- 93** *Rádios comunitarias desde una perspectiva indígena – La experiencia de la Organización de Comunidades Aborígenes de Nazareno, Salta-Argentina*  
**Emilia Villagra e Ramón Burgos**
- 106** *Tecnicidades das rádios livres e comunitárias: o caso Radio Rebelde zapatista*  
**Ismar Capistrano Filho**
- 120** *Arca FM: trajetória de uma rádio comunitária na luta pelo direito à voz em Açailândia-MA*  
**Leonan Alves de Sousa Moraes e Roseane Arcanjo Pinheiro**
- 134** *Vaidapé na Rua: uma proposta dialógica da Rádio Comunitária*  
**Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva**
- 146** *Influência da diáspora na escuta de rádio online*  
**Lidia Paula Trentin e Álvaro Nunes Larangeira**
- 160** *Rádio em ambientes digitais: experiências de segmentação em aplicativos para dispositivos móveis*  
**Sônia Caldas Pessoa, Nair Prata e Kamilla Avelar**
- 176** Entrevista  
*Por um rádio de vanguarda política e estética.*  
**Marcelo Kischinhevsky e Sonia Virgínia Moreira**  
(Colaboração da bolsista de Iniciação Científica Lorena Hang)



# O rádio que respira e floresce nas bordas das indústrias midiáticas

Marcelo Kischinhevsky<sup>1</sup>

Sonia Virgínia Moreira<sup>2</sup>

A ideia de uma crise do rádio consolidou-se no imaginário coletivo nas últimas décadas, a despeito de não haver ancoragem na realidade. Se muitas rádios tradicionais AM e FM saem do ar, vendidas a igrejas eletrônicas ou novos grupos empresariais (MOREIRA, 1998; RIBEIRO, ABREU e KISCHINHEVSKY, 2011), multiplica-se a oferta de conteúdos no contexto de um rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), que transborda para novas plataformas e é consumido nos mais diversos dispositivos. O rádio vai bem, obrigado, embora algumas emissoras de rádio em ondas hertzianas estejam mal das pernas, lamentando-se da concorrência com serviços on-line e da erosão dos habituais índices de audiência, antes medidos em centenas de milhares de ouvintes por minuto.

Entende-se que a indústria da radiodifusão experimentou importante desenvolvimento ao longo do século XX e sofre hoje com a pulverização das audiências e a consequente perda de receita publicitária, que põem em questão todo o modo de produção das emissoras até poucos anos atrás. Só que este é apenas um quadro parcial. Nas bordas dessa indústria, surgem novos atores que ganham cada vez mais papéis de destaque na mídia sonora.

O rádio floresce e respira às margens das tradicionais indústrias midiáticas, articulando-se com plataformas digitais, colaborativas ou privadas, e explorando a potencialidade da escuta em novos suportes e formatos. Rádios comunitárias, livres, populares, emissoras web, podcasts, serviços de rádio social, que permitem a audição em streaming e sob demanda, são algumas das muitas possibilidades de uma radiofonia que se reinventa mais uma vez, depois de ser sentenciada à morte por sucessivas gerações de especialistas.

Neste cenário em transformação, pela primeira vez as tradicionais emissoras em ondas hertzianas figuram como coadjuvantes. As atenções se voltam para todo tipo de experiência protagonizada por atores que anteriormente não tinham acesso aos meios de comunicação e agora fazem ouvir suas vozes, mesmo que de forma limitada, explorando nichos antes tidos como inalcançáveis. A ação deste rádio nas bordas é política, sempre. Mesmo quando não está pautado por uma atuação de ativismo, de militância. A lógica é sempre a de se afirmar num universo midiático em que uns poucos sempre exerceram forte influência sobre numerosas audiências. Agora, novas vozes se levantam, mesmo que muitas vezes seja difícil ouvi-las em meio à babel digital.

Evidentemente, este rádio floresce nas bordas das indústrias midiáticas, mas seu percurso não é um campo florido. Há obstáculos, às vezes aparentemente intransponíveis, pelo caminho. A radiodifusão comunitária, que em 2018 completa 20 anos de regulamentação no Brasil, ganha relevância, mas segue tolhida por uma legislação que dificulta o acesso a recursos públicos e privados na forma de investimentos publicitários, colocando em xeque a sustentabilidade destas emissoras. Ainda assim, de acordo com os dados mais recentes da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), o número de rádios comunitárias chegou a 4.727 em 2015, o que já representa quase metade do total de estações AM e FM em operação no país (9.864)<sup>3</sup>.

Estes e outros dados expõem a necessidade de se repensar a radiofonia, olhando para as margens da tradicional indústria de radiodifusão sonora. É preciso entender a trajetória desse rádio que opera nas bordas, como se organiza, quais suas perspectivas, seus desafios, sua contribuição em termos de inovação de linguagem e formatos – e estas são algumas das motivações deste dossiê que a Revista Logos oferece aos seus leitores. Afinal, a comunicação sonora persistirá no novo ecossistema midiático, a despeito de um possível esvaziamento econômico e cultural das estações comerciais que operam ainda prioritariamente em ondas hertzianas.

O interesse nestas temáticas restou evidente: foram mais de 30 submissões, o que exigiu a mobilização de um grande contingente de pareceristas, aos quais registramos um especial agradecimento. Ao fim, foram selecionados 12 artigos – embora vários outros apresentassem discussões altamente qualificadas –, pensando-se no escopo do dossiê e nas normas da revista, bem como na representatividade regional de autores dos mais diversos pontos do Brasil.

O artigo que abre o dossiê, “Por uma genealogia das rádios comunitárias brasileiras”, de João Paulo Malerba (Universidade Federal do Rio de Janeiro), propõe uma inovadora categorização da radiodifusão comunitária, buscando entender as raízes do movimento e os dissensos que o marcaram no Brasil e no exterior, bem como recorrendo a rica documentação de entidades que militaram pela regulamentação e pela capacitação de comunicadores populares.

Em seguida, dois textos discutem as dificuldades regulatórias enfrentadas por estas emissoras, respectivamente, no Brasil e na Argentina: “Sustentabilidade na radiodifusão comunitária: desafios e possibilidades”, de Adilson Vaz Cabral Filho (Universidade Federal Fluminense), e “Regresión. Las nuevas políticas para medios comunitarios en Argentina”, de um time de pesquisadores financiados pelo Conicet – o CNPq do país vizinho – e formado por María Soledad Segura (Universidad Nacional de Córdoba), Emilia Villagra (Universidad Nacional de Salta), Verónica Longo (Universidad Nacional de San Luis), Natalia Vinelli (Universidad Nacional de Buenos Aires), Larisa Kejval (Universidad Nacional de Buenos Aires), Ana Laura Hidalgo (Universidad Nacional de San Luis), Alejandro Linares (Universidad Nacional de Buenos Aires) e Natalia Traversaro (Universidad Nacional de Córdoba).

Em “Rádios de resistência: no ar, o verbal e o não-verbal na contra-hegemonia”, por sua vez, João Batista de Abreu e Marcus Aurélio de Carvalho (ambos da Universidade Federal Fluminense) retomam, numa perspectiva histórica e de abrangência internacional, o papel político das rádios que operam sem autorização legal e, não raro, lançam mão de criatividade para expor ao público as restrições que enfrentam.

Na sequência, Doris Fagundes Haussen (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul) faz, em “Rádios comunitárias nas revistas latino-americanas de Comunicação”, um inventário das publicações sobre o tema nas principais revistas científicas do continente, identificando autores e temáticas exploradas.

Já Rosane Albino Steinbrenner (Universidade Federal do Pará) oferece, no artigo “Mapeamento de Rádios Comunitárias na Amazônia como ferramenta ao desenvolvimento sustentável”, um panorama da radiodifusão comunitária na região amazônica, expondo sua capilaridade e relevância para se pensar políticas públicas que envolvam a comunicação.

A seguir, dois textos revelam a importância do rádio para populações originárias e marginalizadas das Américas. Emilia Villagra e Ramón Burgos (da Universidad Nacional de Salta), em “Radios comunitarias desde una perspectiva indígena – La experiencia de la Organización de Comunidades Aborígenes de Nazareno, Salta-Argentina”, mostram como a população indígena de uma remota província argentina foi empoderada por uma política de democratização da comunicação no país vizinho, passando a ter uma emissora que assegura voz própria e lhe permite se reconhecer como detentora de direitos. E Ismar Capistrano Costa Filho (Universidade Federal do Ceará), em “Técnicas das rádios livres e comunitárias: o caso Radio Rebelde zapatista”, investiga a programação bilíngue de emissoras do território de Chiapas que buscam apoiar a construção de uma identidade regional autônoma, através de representações narrativas de caráter marcadamente local.

Outras duas experiências de rádio local são objeto das reflexões de Leonan Alves de Sousa Moraes e Roseane Arcanjo Pinheiro (ambos da Universidade Federal do Maranhão), no artigo “Arca FM: trajetória de uma rádio comunitária na luta pelo direito à voz em Açailândia-MA”, que mostra as barreiras para legalização de uma emissora que combatia o trabalho escravo nas carvoarias de uma cidade do interior maranhense; e de Júlia Lúcia de Oliveira Albano da Silva (Centro Universitário Fecap – Fundação Álvares Penteado/Universidade de Santo Amaro), que aborda o potencial de inclusão e negociação das diferenças por meio do diálogo em um programa veiculado numa emissora comunitária da Zona Oeste de São Paulo, em “Vaidapé na Rua: uma proposta dialógica da Rádio Comunitária”.

Em seguida, dois textos mostram que o rádio nas bordas extrapola as ondas hertzianas e transborda para outras plataformas. Em “Influência da Diáspora na escuta de rádio *online*”, Lidia Paula Trentin e Álvaro Nunes Laranjeira (da Universidade Tuiuti do Paraná), oferecem dados de instigante pesquisa exploratória sobre as motivações de ouvintes diaspóricos de uma rádio comunitária da Frederico Westphalen, cidade do interior do Rio Grande do Sul, sintonizada através da web nas mais diversas regiões do país. Já Sônia Caldas Pessoa (Universidade Federal de

Minas Gerais), Nair Prata (Universidade Federal de Ouro Preto) e Kamilla Avelar (Fundação Mineira de Educação e Cultura) buscam, em “Rádio em ambientes digitais: experiências de segmentação”, entender o modelo de negócios de uma web rádio sertaneja que distribui trechos de sua programação através do aplicativo WhatsApp, para escuta em telefones móveis.

Fechando o dossiê, uma entrevista com Mauro Sá Rego Costa, da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FEBF/UERJ), um dos maiores pesquisadores do país nos campos da rádio-arte e da radiodifusão comunitária, que propõe o resgate do papel de vanguarda política e estética do rádio. A entrevista está disponível também em áudio na página do AudioLab (Laboratório de Áudio da Faculdade de Comunicação Social da UERJ): [www.audiolab.uerj.br](http://www.audiolab.uerj.br).

Desejamos a todos uma excelente leitura!

## Bibliografia

KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Rádio e mídias sociais – Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.

MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio palanque*. Rio de Janeiro: Mil Palavras, 1998.

RIBEIRO, Adriana Gomes; ABREU, João Batista de; KISCHINHEVSKY, Marcelo. *Panorama do rádio no Rio de Janeiro*. In: PRATA, Nair (org.). *Panorama do rádio no Brasil – volume 1*, p. 419-458. Florianópolis: Insular, 2011.

## Notas

1. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com mestrado e graduação em Jornalismo pela mesma instituição, é professor do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ), onde coordena o AudioLab e lidera o Grupo de Pesquisa Mediações e Interações Radiofônicas, listado no CNPq. Email: [marcelok@uerj.br](mailto:marcelok@uerj.br).

2. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Jornalismo pela Universidade do Colorado (Boulder, EUA), professora do Departamento de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FCS/UERJ). Lidera o Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação (CNPq) e é vice-presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). E-mail: [soniavm@gmail.com](mailto:soniavm@gmail.com).

3. Ver <http://www.anatel.gov.br/dados/2015-02-04-18-43-59>. Última visita: 15/5/2017.

## **Dossiê**

*“Rádio nas bordas – Cartografias da radiodifusão comunitária, livre e alternativa.”*